

## Parrêsia Cínica em Michel Foucault

### Cynic Parresia in Michel Foucault

André Pereira de Almeida\*  
Bolsista CAPES

**RESUMO:** Primo pobre da filosofia antiga, o cinismo é apresentado por Foucault de forma original. É praticando a parrêsia ética, atrelada ao seu modo de vida, que o cínico assume sua *alethés bios*, enquanto vida reta, soberana e feliz. Assim, apresento neste artigo a parrêsia cínica enquanto constituição da verdade na própria maneira de viver do filósofo cínico.

**PALAVRAS-CHAVE:** PARRÊSIA; FOUCAULT; CINISMO.

**ABSTRACT:** Poor cousin of ancient philosophy, the cynicism is presented by Foucault in an original way. It is practicing the ethical parresia, tied to his way of life, that the cynic takes its *alethés bios*, while straight, sovereign and happy life. Thus, I present in this article the cynical parresia as a constitution of truth in the way of life of the cynical philosopher.

**KEY-WORDS:** PARRESIA; FOUCAULT; CYNICISM.

## INTRODUÇÃO

A máxima do cínico de “não ser escravo de nada nem de ninguém no pequeno universo em que ele encontra seu lugar”. Sua vontade é estética: ele considera a ética como uma modalidade de estilo e destila a essência de uma existência que se torna lúdica. Todas as linhas de fuga cínicas convergem em um ponto focal que distinguem o filósofo, não mais como um geômetra, mas como um artista, um diretor de um grande estilo. Diógenes é um dos experimentadores de novas formas de existência (ONFRAY, 1990, p. 26, tradução nossa)

Criticado por não possuir muitos textos teóricos, o cinismo se perpetuou como uma doutrina rudimentar, representado por anedotas e histórias cáusticas, ancoradas no problema da origem da

---

\* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Janeiro. Contato: andreidt@yahoo.com.br

verdade e da filosofia como prática e exercício de vida, indissociável do seu discurso. Apesar de sua aparente pobreza teórica, o cinismo assume a sua importância na história do pensamento ao englobar problematização filosófica, ética, modo de ser e de agir. É pela parrêsia, com sua fala franca e sem concessões, que os cínicos são reconhecidos. De maneira agressiva, radical e brutal, os cínicos intimam a multidão. Eles denunciam o compromisso de todos e obrigam cada um a se interrogar sobre sua maneira de viver. Ao contrário de Sócrates que agiu como cidadão-modelo, malgrado sua condenação, o cínico adota um modo de vida marginal. Essa é sua marca. Ele rompe com qualquer forma imaginável de cidadania aceitável; ele é reconhecido por sua franqueza, por suas preleções verbais violentas e virulentas, mas também por seu aspecto físico sujo e provocador.

O cinismo vincula o modo de vida e a verdade a um modo muito mais estrito e preciso. Ele faz da forma de existência uma condição essencial para o dizer-a-verdade. Ele faz, enfim, da forma de existência um modo de tornar visível nos gestos, nos corpos, na maneira de se vestir, na maneira de se conduzir e de viver, a própria verdade. Em suma, o cinismo faz da vida, da existência, do *bíos*, o que poderíamos chamar de uma aleturgia, uma manifestação da verdade. (FOUCAULT, 2009, p. 159, tradução nossa)

Apesar da palavra parrêsia não ser reservada aos cínicos, o cínico é seu personagem mais emblemático. Ele é constantemente caracterizado como o homem da parrêsia e a emprega no seu sentido polivalente de fala franca, liberdade de palavra e insolência. O retrato do cínico remete à noção de parrêsia, a exemplo da seguinte passagem atribuída a Diógenes, o Cínico: “A alguém que lhe perguntou qual era a coisa mais bela entre os homens esse filósofo respondeu: A liberdade de palavra.” (LAÉRTIOS, 2008, p. 169) Diógenes liga o tema da beleza existência ao do exercício da parrêsia, exercício da fala livre e franca. Passo em seguida à instigadora leitura de Foucault acerca da parrêsia cínica.

Foucault retira exemplos dos textos de Epicteto e Luciano para demonstrar a ligação emblemática do cinismo com a parrêsia. No livro III das *Conversações*, Epicteto explica que a função do cínico é

exercer a função de *katáskopos*<sup>1</sup>, ou seja, batedor. “A função do cínico [será de determinar] onde estão os exércitos inimigos e onde estão os pontos de apoio ou os auxílios que poderemos achar, encontrar, de que será possível tirar proveito em nossa luta”. (FOUCAULT, 2009, p. 154, tradução nossa) Enquanto batedor, o cínico é o homem da errância, o homem que galopa à frente da humanidade para observar, mas também para relatar o que viu.

Ele voltará para anunciar a verdade (*appageílai talethê*), anunciar as coisas verdadeiras, acrescenta Epicteto, sem deixar-se paralisar pelo medo. Temos aqui a própria definição da parrêsia como exercício do dizer-a-verdade que é anunciado aos homens sem nunca se deixar impressionar pelo medo. (FOUCAULT, 2009, p. 154, tradução nossa)

A passagem de Luciano, um crítico severo do cinismo, é interessante. Luciano relata como os diversos filósofos vendem fórmulas de vida no mercado. Diógenes é o primeiro a aparecer, oferece a vida cínica por apenas dois óbolos e se apresenta como profeta da verdade e da parrêsia. Luciano também elogia<sup>2</sup> o cínico Demodax que aparece como o homem que diz a verdade, o homem da parrêsia. A ligação de Demodax com a humanidade o atrelava a uma prática da fala franca a ponto dele recusar a iniciação aos mistérios de Elêusis, que o vincularia ao silêncio dos segredos revelados na iniciação.

Seu vínculo com a humanidade, sua função de benfeitor da humanidade [supunha] uma parrêsia (uma liberdade de palavra) que implicava que ele revelasse toda verdade possível a propósito dos mistérios de Elêusis. Ele não queria se iniciar, portanto, porque, se houvesse sido iniciado, teria sido obrigado a se comprometer a calar. E ele, que é cínico, isto é, o homem da parrêsia, não pode se comprometer a calar. (FOUCAULT, 2009, p. 156, tradução nossa)

- 
- 1 Pessoas enviadas à frente do exército para espiar discretamente os passos do exército inimigo.
  - 2 Apesar de Luciano ser um crítico ferrenho do cinismo, tendo polemizado e satirizado os cínicos, ele via em Demodax um exemplo do bom cínico, que usa o cinismo de forma válida e aceitável.
-

Os exemplos mostram a ligação direta do cinismo com a parrêsia. O cínico é colocado como sinônimo do homem da parrêsia, ele é visto como o *parrêsias prophétes*, o profeta da fala franca. Essa parrêsia está diretamente vinculada a certo modo de vida. A relação entre o dizer-a-verdade e a maneira de viver dos cínicos é mais complicada e precisa do que a encontrada no *Laques*, na figura de Sócrates. A parrêsia, a coragem e a ousadia de dizer a verdade frente a pessoas honoráveis e honradas, como Nícias e Laques, só foi dada a Sócrates. Só ele detinha certas garantias e virtudes para falar com franqueza; só ele detinha uma coerência entre o que falava e a maneira como vivia. O cinismo leva o exemplo de Sócrates ao limite, pois para ele não é suficiente que a vida manifeste algumas virtudes. No cinismo, o modo de vida serve de suporte, justificativa e manifestação da prática da parrêsia. Modo de vida que é caracterizado e personificado por formas reconhecíveis e codificadas.

### **Cinismo, modo de vida e parrêsia**

O cínico é o homem do cajado, é o homem da sacola, é o homem do manto, é o homem das sandálias ou dos pés descalços, é o homem da barba hirsuta, é o homem sujo. É também o homem errante, é o homem que não tem nenhuma inserção, não tem nem casa nem família nem lar nem pátria, é o homem da mendicidade também. (FOUCAULT, 2009, p. 159, tradução nossa)

O modo de vida personificado na figura acima faz parte da prática filosófica do cínico e tem relações precisas em relação à parrêsia. O modo de vida tem funções instrumentais e é condição de possibilidade para o exercício da parrêsia. Ele também tem uma função redutora em relação às convenções e às crenças: ele livra o cínico de toda norma ou opinião supérflua para fazer a verdade surgir. O modo de vida faz o papel de prova, ele permite mostrar numa crueza irreduzível frente às coisas realmente indispensáveis à vida humana, o que há de mais elementar e rudimentar. “Ele faz da forma de existência um modo de tornar visível, nos gestos, nos corpos, na maneira de vestir, na maneira de se conduzir e de viver, a própria verdade.” (FOUCAULT, 2009, p. 159, tradução nossa) O cinismo faz do *bios* uma aleturgia, uma manifestação da verdade: o cínico é o mártir da verdade. Ele é aquele que testemunha, autêntica e manifesta uma existência da verdade com o próprio corpo. O próprio corpo da

verdade é tornado visível e risível, em certo estilo de vida. “A vida como presença imediata, brilhante e selvagem da verdade, é isso que é manifestado no cinismo”. (FOUCAULT, 2009, p. 160, tradução nossa) O cínico é aquele que exerce em sua vida e por sua vida, o escândalo de verdade.

Além do estereótipo do homem de pés descalços e barba hirsuta, portando manto, sacola e cajado há outras formas de vida que foram caracterizadas, valorizadas e desvalorizadas, como formas de vida cínica. Foucault destaca dois exemplos para ressaltar as variedades da vida cínica, nas figuras de Demétrio e Peregrino. Ele recorre a uma narrativa de Sêneca, presente no Livro VII do *De beneficiis*, para falar de uma passagem na qual o imperador Calígula ofereceu uma significativa soma de dinheiro para Demétrio, um homem de vida pobre e despojada. Demétrio recusou vigorosamente a proposta acrescentando o comentário: “Se ele tivesse querido me tentar, teria precisado oferecer todo o Império”. (FOUCAULT, 2009, p. 179, tradução nossa) Demétrio via a tentação como uma prova de resistência e uma oportunidade de garantir sua soberania frente ao mundo. Sob sua perspectiva, uma prova realmente séria não era resistir a uma soma de dinheiro, mas resistir à oferta de todo o Império. Sua vitória só seria valorosa se fosse diante de algo assim. Demétrio aparece como um indivíduo *seminudus*, que recusa com palavras firmes e insolentes as propostas que lhe são feitas. Sua resposta e atitude de provar com a própria existência são completamente cínicas. Mas Demétrio também é um homem de cultura, com sabedoria consumada e eloquência sóbria. Demétrio está longe da imagem de pregador de rua atribuída aos cínicos, pois seu discurso não tinha nada a ver com as gritarias e injúrias dos agitadores populares. Ele era um filósofo ligado à aristocracia romana, um conselheiro de alma e conselheiro político de grupos aristocráticos. Um tipo bem peculiar de cínico, portanto.

Peregrino já ocupava a outra extremidade do cinismo, era um vagabundo ostentatório, ligado aos movimentos antirromanos de Alexandria. Dirigia seus ensinamentos aos *idiotai*, aqueles que não tinham cultura, estatuto social ou político. Enquanto Demétrio era bem situado na aristocracia romana, Peregrino percorria o mundo e mantinha contato com diversos movimentos populares do mundo mediterrâneo. Quando Thræsea Paetus<sup>3</sup> foi obrigado a suicidar por

---

3 Thræsea Paetus (66 d.C.) foi um senador romano e um filósofo estoico. Ele criticou Nero e este manipulou o senado para condená-lo a morte.

ordem do imperador, Demétrio o aconselhou e manteve com ele uma conversa acerca da imortalidade da alma no estilo socrático. Suicídio nitidamente filosófico, que se encaixava na tradição encontrada naquele momento da aristocracia de Roma. Peregrino, por sua vez, se matou de uma maneira muito mais radical, juntou as pessoas em volta dele nos arredores de Olímpia, numa espécie de festejo popular, e imolou-se pelo fogo. As diferentes maneiras de lidar com a morte e com o suicídio ilustram diferentes atitudes que se reuniram sob a mesma caracterização do cinismo. Este apresenta diversas atitudes que dificultam a definição de uma atitude cínica por excelência. Ao mesmo tempo em que há o cinismo barulhento, agressivo e ostentatório, negador das leis e das regras, há outro cinismo que é austero, educado, refletido e discreto.

Não há praticamente crítica contra os cínicos que não se faça acompanhar de um juízo explicitamente favorável sobre o cinismo verdadeiro, seja o cinismo primitivo que se acredita reconhecer ou que se elogia em Diógenes ou Crates, seja um cinismo essencial que seria praticado pelos bons cínicos, seja um cinismo de princípio que cada um praticaria por conta própria. (FOUCAULT, 2009, p. 183, tradução nossa)

Luciano, um adversário da filosofia em geral e do cinismo em particular, denunciou a grosseria, a incultura e a ignorância dos que normalmente praticam o cinismo. Ele argumenta que o cinismo agressivo e ostentatório não passa de imitação, caricatura e impostura do verdadeiro cinismo. Na categoria do “bom cinismo”, Luciano coloca a figura de Demodax, que retrata a vida autenticamente cínica. Demodax é apresentado como um homem culto e naturalmente inclinado à filosofia, uma espécie de médico da verdade que foi destinado durante toda sua vida à *eleutheria* (liberdade) e à parrêsia, que dá a todos o exemplo do conhecimento de si. A preocupação de Demodax com a liberdade não resulta em violência, agressão ou insulto, como na maioria dos cínicos. Como bom médico de almas, Demodax praticava a doçura e participava da vida da *pólis*, ao mesmo tempo em que desprezava honras e riquezas. O imperador Juliano, no discurso *Contra Heracleios*, elogia a “verdadeira filosofia cínica” que ele identificava em Diógenes e Crates, os fundadores do cinismo “autêntico”. Juliano ressaltava que em Diógenes e Crates não havia distinção ou contradição entre os atos e as palavras. Havia, portanto,

um verdadeiro cinismo, manifestado em palavras, mas, sobretudo em atos. Juliano também faz do cinismo uma filosofia universal, válida para todo mundo e acessível a todos. No discurso *Contra os Cínicos e Ignorantes*, ele situa o cinismo como uma filosofia antiga que remonta a períodos anteriores aos dos filósofos historicamente reconhecidos, como Diógenes e Crates. No seu texto, o cinismo remonta ao próprio Hércules e, antes dele, sua raiz está nos homens helenos ou bárbaros, que professavam tal tipo de filosofia. Uma filosofia cínica universal, natural e particular, que não requer nenhum estudo específico. Basta escolher o que é honesto por desejo de virtude e aversão ao vício. Há uma universalidade que dá acesso a uma espécie de sincretismo filosófico, basta extrair de cada uma das filosofias existentes um núcleo elementar, relacionado à prática de virtudes, para chegar à modalidade cínica de existência.

Mas vocês estão vendo que temos aí um paradoxo muito curioso, pois, de um lado, vimos o cinismo descrito como uma forma de existência bem particular, à margem das instituições, das leis, dos grupos sociais mais reconhecidos: O cínico é alguém que está verdadeiramente à margem da sociedade sem que se possa aceitar recebê-lo. O cínico é escorraçado, o cínico é errante. E ao mesmo tempo o cinismo aparece como o núcleo universal da filosofia. O cinismo está no cerne da filosofia e o cínico gira em torno da sociedade sem ser admitido nela. Paradoxo interessante. (FOUCAULT, 2009, p. 186-187, tradução nossa)

As pessoas tinham uma atitude dúbia em relação ao cinismo marcada pelo paradoxo acima: buscavam descriminar e eliminar certa forma de prática cínica, ao mesmo tempo em que procuram depurar da prática cínica a essência pura do próprio cinismo. Outra questão importante, além da discriminação entre um cinismo impostor e um cinismo verdadeiro, é a relação que os cínicos tinham com o ensino filosófico. O arcabouço doutrinal do cinismo era bem estreito e rudimentar, na medida em que ele comportava muito poucos textos teóricos, ao mesmo tempo em que era popular<sup>4</sup>. O arcabouço doutrinal era limitado e pobre por razões que concernem à relação entre ensino e vida filosófica cínica. Para os cínicos, o ensino

---

4 A filosofia cínica era dirigida a um público vasto e pouco cultivado, o próprio recrutamento era feito fora das elites letradas que frequentemente praticavam a filosofia.

filosófico não tinha como função transmitir conhecimentos, mas, sobretudo, dar um treinamento intelectual e ético. O importante era armar os indivíduos para a vida, para que pudessem enfrentar os acontecimentos e as contingências da existência. Diógenes Laércio conta que Diógenes, o Cínico, ensinou aos filhos de Xeníades por meio de resumos e sínteses, de forma que memorizassem mais facilmente. As ciências eram aprendidas nos princípios essenciais, suficientes para viver convenientemente, e não no seu todo. Esse aprendizado era completado por um aprendizado de resistência e independência. “É esse tipo de aprendizado na forma de uma armadura dada para a existência, que caracteriza o ensino cínico”. (FOUCAULT, 2009, p. 190, tradução nossa) O ensino cínico era essencialmente um ensino de luta que devia transmitir o que é indispensável para alcançar a vitória na vida. Lógica e física tinham pouca importância frente à ética e à filosofia. O ensino cínico não era longo e teórico, mas simples e prático. Um caminho breve (*syntomos odós*), um atalho para a virtude, que pode ser breve, mas não é fácil. Na concepção cínica, havia o caminho longo, relativamente fácil, que não requer muito esforço. Nele se chega à virtude através aprendizagem doutrinal e escolar do *lógos*. E havia o caminho breve e difícil. Caminho da *áskesis*, caminho árduo e das práticas de despojamento e resistência.

Na pseudocarta de Crates (a carta 21), vocês encontram essa caracterização dos dois caminhos: longo é o caminho que leva à felicidade pelo discurso (portanto: o caminho do discurso é o caminho longo). O que passa pelos exercícios cotidianos é um atalho (*syntomos*). Mas muitos dos que perseguem o mesmo fim que os cães (os filósofos cínicos), quando constatarem quanto esse caminho é difícil, fogem dos que o invocam. (FOUCAULT, 2009, p. 193, tradução nossa)

A dificuldade de identificar a doutrina cínica passa pela questão de que a vida cínica se faz essencialmente pelo caminho breve, caminho do exercício e do aprendizado, mas carente de discurso. O ensino cínico se apoiava em esquemas não doutriniais, mas esquemas de vida, esquemas de conduta.

O cinismo de Diógenes parece ter sido mais uma prática do que uma doutrina; conforme ele se afasta da ciência, ele aproxima sua filosofia das artes

servis e manuais. A prova de que a virtude não é dom inato, nem é adquirida pela ciência, mas é o resultado de um exercício, é que "nós vemos nas artes servis e em outras, os artesãos adquirem através do exercício um saber incomum", como os atletas e os flautistas. "Nada na vida é bem sucedido sem o exercício, com ele, podemos superar todas as coisas." (BRÉHIER, 1961, p. 279-280, tradução nossa)

Por meio de anedotas, modelos, relatos e exemplos, o ensino cínico estabeleceu uma tradicionalidade de existência que restituiu a força de uma conduta para além de um debilitamento moral. Tradicionalidade de existência que faz aparecer a figura do herói filosófico, que é diferente do sábio tradicional. O herói filosófico representa certo modo de vida. O heroísmo filosófico possibilita pensar uma história da filosofia que não passa pela história das doutrinas filosóficas, mas pelos modos e estilos de vida.

O cinismo como essência do heroísmo filosófico – foi isso que percorreu toda a Antiguidade e que faz do cinismo, qualquer que seja sua pobreza teórica, um acontecimento importante na história, não apenas nas formas de vida, mas do pensamento. O heroísmo filosófico, a vida filosófica como vida heroica, é algo que foi inscrito e transmitido por essa tradição cínica. (FOUCAULT, 2009, p. 195, tradução nossa)

Exemplifiquei diferentes formas de vida cínica, com paradoxos e tensões entre elas, mas algo é comum a todas. O cinismo se apresenta como uma forma de parrêsia que encontra seu instrumento e seu lugar na própria vida daquele que deve manifestar e dizer a verdade sob a forma de uma manifestação da existência. De um polo a outro, o cinismo aparece como uma maneira de praticar a *aleurgia* e manifestar a verdade, de produzir a verdade na própria forma de vida. Vida cínica como *alethés bios*, verdadeira vida, portanto.

A *alethés bios* correspondia a uma vida não dissimulada que não encerrava nenhuma parte de sombra e que podia enfrentar a luz plena. Vida que podia se manifestar à vista de todos sem reticência, verdadeira vida que não escondia suas intenções e seus fins. *Alethés bios* como vida simples e sem mistura, vida não

abigarrada<sup>5</sup>. Vida reta (*euthús*) conforme os princípios e as regras (*nómos*). Vida que escapava da perturbação, das mudanças, da corrupção e da queda, ou seja, vida que se mantinha na identidade de seu ser. Vida livre, que mantinha uma independência com relação a tudo que pode submetê-la à dominação e ao controle. Vida não escrava, em que o controle é de si por si mesmo. O cinismo joga com essa noção de *alethés bíos*; ele pega a moeda do *alethés bíos* e muda o seu valor.

Diógenes, filho do banqueiro Iquêsios, nasceu em Sinope. Dielés revela que ele viveu no exílio porque seu pai, a quem fora confiado o dinheiro do Estado, adulterou a moeda corrente. Entretanto, Ebulides, em seu livro sobre Diógenes, afirma que o próprio Diógenes agiu dessa maneira e foi forçado a deixar a terra natal com seu pai. Diógenes, aliás, em sua obra *Pôrdalos*, confessa a adulteração da moeda. Dizem alguns autores que, tendo sido nomeado superintendente, deixou-se persuadir pelos operários, e foi a Delfos ou ao oráculo Dêlio na pátria de Apolo perguntar se deveria fazer aquilo a que desejavam induzi-lo. O deus deu-lhe permissão para alterar as instituições políticas, porém ele não entendeu e adulterou a moeda. Descoberto, segundo alguns autores foi exilado, e segundo outros deixou a cidade espontaneamente. Outros autores contam ainda que o pai lhe confiou a cunhagem da moeda e que ele a adulterou; o pai foi preso e morreu; o próprio Diógenes fugiu e foi a Delfos perguntar não se devia falsificar a moeda, e sim o que devia fazer para tornar-se mais famoso, e então recebeu o oráculo supramencionado. (LAËRTIOS, 2008, p.167)

Na passagem acima se vê que Diógenes era filho de um cambista, um banqueiro que manipulava, trocava e adulterava moedas. Diógenes e seu pai foram banidos de Sinope por terem falsificado a moeda. Diógenes, exilado de Sinope, foi a Delfos pedir um conselho ao oráculo e foi aconselhado por Apolo a falsificar e alterar o valor da moeda. Mas o que significa alterar o valor da moeda? Mudar o valor da moeda é tomar certa atitude em relação ao que é convenção, regra ou lei. Alterar uma moeda não significa necessariamente desvalorizar

---

5 A vida abigarrada é composta por elementos distintos reunidos de maneira desordenada. O homem abigarrado é incapaz da verdade, ele é presa da multiplicidade de seus desejos, apetites e movimentos.

a moeda, mas pode-se apagar certa efígie para substituí-la por outra de maior valor, por outra moeda que circule com seu verdadeiro valor. O princípio cínico de mudar o valor da moeda passa pela restituição do valor da moeda através da gravação de outra efígie mais adequada. Os cínicos não mudam o metal da moeda, mas modificam a efígie a partir dos princípios da verdadeira vida, que deve ser não dissimulada, não misturada, reta e incorruptível. Eles vão levar a verdadeira vida ao limite até torná-la caricatural e alterá-la naquilo que a vida tradicionalmente era. O cinismo vai assumir a faceta de careta teatral da verdadeira vida, como uma deformação facial voluntária que provoca o riso. Ele vai passar ao limite, extrapolar os temas da verdadeira vida, sem romper com os valores da filosofia clássica, quando se trata de verdadeira vida. O cinismo vai dar uma continuidade carnavalesca ao modelo de verdadeira vida, de acordo com seu próprio paradoxo.

O paradoxo do cinismo é que ele constitui os elementos mais comuns da filosofia em pontos de ruptura para a filosofia. Ele se apresenta na forma de um conjunto banal de características comuns às diversas filosofias da época, ao mesmo tempo em que é marcado pelo escândalo e pela reprovação. O cinismo sempre foi muito familiar e estranho. Um número considerável de filósofos reconhece uma imagem positiva do cinismo e simultaneamente ele é considerado ordinário, repulsivo, banal e inaceitável. “Ao mesmo tempo em que se reconhecem tão facilmente no cinismo, os filósofos se demarcam dele violentamente com uma caricatura repulsiva. Eles o apresentam como uma espécie de alteração inaceitável da filosofia.” (FOUCAULT, 2009, p. 214, tradução nossa)

O cinismo faz um ecletismo de efeito inverso. Ele retoma alguns traços fundamentais das filosofias que lhe são contemporâneas e faz dessa retomada uma prática revoltante. Para instaurar sua prática ele não recorre ao consenso caro à filosofia, mas faz um movimento estranho e contrário à prática filosófica, um movimento hostil e de guerra. O cinismo faz surgir sob uma nova modelagem o problema da coragem de verdade, tão importante para a filosofia antiga. Com ele surge uma forma de coragem de verdade que é distinta da bravura política e da ironia socrática. Nos dois últimos arrisca-se a vida para dizer a verdade, no cinismo arrisca-se a vida, não apenas para dizer a verdade, mas pela própria maneira como se vive. O cínico expõe sua vida não por seus discursos, mas por sua própria vida. É uma tomada de posição muito mais virulenta e radical. O cinismo colocou sob a

forma de escândalo a questão da vida filosófica, enquanto a filosofia desenvolveu-se negligenciando cada vez mais o problema da vida em seu vínculo essencial com a prática do dizer-a-verdade.

O cinismo comporta quatro princípios gerais que são comuns à tradição socrática ou às temáticas de outras filosofias. São eles: a filosofia é uma preparação para a vida; essa preparação para a vida implica ocupar-se antes de tudo de si mesmo; para se ocupar de si mesmo deve-se estudar apenas o que é útil para a existência; e é preciso tornar a vida de acordo com os preceitos que se formula. A esses quatro princípios comuns a Sócrates, aos estoicos e aos epicuristas, o cinismo acrescenta um quinto bem específico e sinalético. Ele acrescenta o célebre princípio do alterar o valor da moeda, como um princípio de vida, fundamental e característico dos cínicos. O imperador Juliano, que apresentou o cinismo como uma espécie de filosofia universal, falou que o cinismo possuía dois princípios que remontavam ao Apolo Pítio. Os dois princípios universais seriam: o princípio délfico “conheça-te a ti mesmo”, característico de Sócrates, mas endereçado a todos; e “reavalía tua moeda”, princípio reservado a Diógenes.

O sentido que Juliano dá à justaposição e à coordenação desses dois preceitos seria portanto o seguinte: o preceito fundamental é “reavalía tua moeda”; mas essa reavaliação só poderia ser feita pelo canal e o meio do “conhece a ti mesmo”, que substitui a moeda falsa da opinião que temos de nós mesmos, que os outros têm de você, por uma moeda verdadeira que é a do conhecimento de si. Podemos manipular nossa existência, podemos cuidar de nós mesmos como de uma coisa real, podemos ter em nossas mãos a moeda verdadeira de nossa existência verdadeira contanto que conheçamos a nós mesmos. (FOUCAULT, 2009, p. 223, tradução nossa)

Foi por ter tomado conhecimento de si que Diógenes se reconheceu como superior ao próprio Alexandre, o Grande. Diógenes se reconhecia como a verdadeira moeda, o verdadeiro rei. “Conta-se que Alexandre, o Grande, disse que se não tivesse nascido Alexandre gostaria de ter nascido Diógenes.” (LAÉRTIOS, 2008, p. 212) Da mesma forma que o “muda a tua moeda” foi um preceito emblemático do cinismo, uma comparação também foi canônica a propósito da vida cínica (*bíos kynikós*). A comparação é a do filósofo cínico com o cão. Tomo como exemplo a posição de Hegel, para quem os cínicos foram:

Genericamente falando, nada mais do que mendigos porcalhões que se satisfaziam com a insolência que exibiam aos demais. Não são dignos de nenhuma consideração adicional em filosofia e merecem inteiramente o nome de cães, que cedo lhes foi atribuído; já que o cão é um animal sem-vergonha. (NAVIA, 2009, p. 149)

A vida cínica é uma vida de cão na medida em que é impudica, não há pudor ou vergonha, nela se faz em público aquilo que somente os cães e os animais ousam fazer. É uma vida de cão, porque o cão e o cínico são indiferentes, eles não têm outras necessidades além das que podem satisfazer imediatamente. Mas também é uma vida diacrítica, uma vida capaz de brigar, vida que late contra os inimigos e é capaz de distinguir as pessoas falsas e das sinceras.

Certa vez Alexandre encontrou e exclamou: “Sou Alexandre, o grande rei”; “E eu”, disse ele, “sou Diógenes, o cão”. Perguntaram-lhe o que havia feito para ser chamado de cão, e a resposta foi: “Balanço a cauda alegremente para quem me dá qualquer coisa, ladro para os que recusam e mordo os patifes.” (LAËRTIOS, 2008, p. 167)

A *bíos kynikós* é uma vida de discernimento, como um cão de guarda, pois o cínico sabe se dedicar a salvar a vida dos outros e proteger a vida de quem gosta. Vida de impudor, indiferente, discriminatória, briguenta e de cão de guarda: a vida cínica é ao mesmo tempo a continuação, a passagem ao limite e a reversão da verdadeira vida, enquanto vida não dissimulada, independente, reta e soberana. O que é a vida impudica senão a continuação e a reversão escandalosa da vida não dissimulada? O que é a vida indiferente que não necessita de nada senão o prolongamento e a passagem ao limite da vida independente e sem mistura? O que é a vida diacrítica e discriminatória senão a continuação e a reversão escandalosa da vida reta que obedece a lei? O que é a vida do cão de guarda, vida de combate e serviço senão o prolongamento e a reversão da vida tranquila e soberana? A *bíos kynikós* substitui os hábitos cotidianos que costumam demarcar a existência por princípios tradicionalmente aceitos pela filosofia. Só que esses princípios devem ser aplicados à própria vida, em vez de serem mantidos no campo do *logos*. O indivíduo deve enformar a própria vida, assim como a efígie enforma

o metal da moeda na qual é impressa. O sujeito deve constituir a própria subjetividade, ao invés de deixar-se ser assujeitado, por preguiça ou covardia. O cínico manifesta um jogo de vida, diferente dos homens em geral e dos filósofos em particular. A vida, para ser verdadeira, deve ser uma vida outra – uma vida radical e paradoxalmente outra. Não é questão de outro mundo, mas de vida outra. Não se trata de uma metafísica do outro mundo como no platonismo, mas de outra vida possível: vida cínica grosseira, vida transvalorada e radical, da arte e maneira de viver.

O cinismo filosófico propõe um saber insolente alegre e uma sabedoria prática eficaz: “Por trás da causticidade de Diógenes, por trás do seu desejo de chocar, nós percebemos uma atitude filosófica séria, como poderia ter sido a de Sócrates. Se ela for aplicada, as máscaras da vida civilizada cairão uma a uma, e as maneiras do cão opor-se-ão à hipocrisia ambiente. Isso porque ele pensou poder oferecer aos homens um caminho que leva à felicidade.” Quando o desconforto supera as feridas e satura a atualidade, Diógenes se faz, portanto, médico da civilização. (ONFRAY, 1990, p. 26, tradução nossa)

Ele faz um intervencionismo terapêutico; intervencionismo físico no campo social na forma de um combate. O cínico propõe medicações duras, ele age como um benfeitor agressivo e belicoso. Dono da diatribe, de um discurso severo e mordaz, o cínico ataca os vícios que afetam os homens, afetando seus interlocutores em particular e o ser humano em geral. O cínico é útil porque morde e agride os vícios que afetam o gênero humano inteiro.

O combate cínico é um combate, uma agressão explícita, voluntária e constante que se endereça à humanidade em geral, à humanidade em sua vida real, tendo como horizonte ou objetivo mudá-la em sua atitude moral (seu *éthos*), mas ao mesmo tempo e com isso mesmo, mudá-la em seus hábitos, suas convenções, suas maneiras de viver. (FOUCAULT, 2009, p. 258, tradução nossa)

A forma da resistência do cínico é o do despojamento e da provação perpétua de si, ao mesmo tempo em que cuida dos outros e da humanidade em geral. Ele é um combatente, um rei guerrilheiro e miserável que combate ao mesmo tempo por si e pelos outros. Essa

última reversão cínica dramatiza a vida soberana e feliz da antiguidade grega numa realeza miserável, cheia de provações em relação a si mesmo e de luta em relação aos outros. O cínico reverte a vida tranquila, em uma vida de combate, vida de guerrilha, “vida militante”, no dizer de Foucault. A noção de militantismo engloba dimensões comuns à vida cínica, ela reverte a soberania tranquila e benéfica do *bíos philosophikos* em resistência combativa. A militância cínica se dá em meio aberto e não num meio fechado e restrito, como era comum ao militantismo das escolas filosóficas da antiguidade. O cínico falava para todos, sua militância se dirige a todo mundo. Ela não exige uma *paideia* prévia, mas recorre a meios violentos para sacudir e converter bruscamente as pessoas.

A militância cínica é aberta, universal e agressiva, pois ela pretende mudar o mundo ao invés de simplesmente fornecer aos adeptos os meios de alcançar uma vida feliz. O cinismo subverteu a vida soberana no escândalo da vida outra. Não se trata de escolher uma vida diferente, feliz e soberana, mas de abraçar a alteridade da vida outra e de implantar uma combatividade que luta por um mundo outro. O cinismo foi uma experiência ética que aspirou a uma vida outra e um mundo outro. A aspiração cínica foi o germe de uma experiência ética fundamental no Ocidente e pode contaminar resistências atuais.

Vocês estão vendo assim que o cínico é aquele que, retomando os temas tradicionais da verdadeira vida na filosofia antiga, transpõe esses temas, reverte-os em reivindicação e afirmação da necessidade de uma vida outra. E depois, através da imagem e da figura do rei de miséria, ele transpõe mais uma vez essa ideia da vida outra em tema de uma vida cuja alteridade deve levar à mudança do mundo. Uma vida outra para um mundo outro. (FOUCAULT, 2009, p. 264, tradução nossa)

## CONCLUSÃO

Aludi a figura do cínico como um combatente, um guerrilheiro, um filósofo em guerra que trava para os outros a guerra filosófica. Ele se coloca como um missionário universal do gênero humano, um funcionário da humanidade em geral e da universalidade ética. Nessa perspectiva ética, o cínico é responsável pela

humanidade, o cuidar do cuidado dos homens é uma tarefa essencial do filósofo cínico.

Em nenhum lugar, há qualquer questão acerca de cínicos que estão delimitados a reforma interna de si mesmos, se eles se reformam, é para dirigir os outros e oferecer modelos; eles estão lá para observar e monitorar não a si mesmos, mas os outros, e, se for necessário, culpar até mesmo os reis por seus desejos insaciáveis. (BRÉHIER, 1961, p. 273-274, tradução nossa)

Aquele que não foi mais que um rei de miséria, um rei oculto e desconhecido, surge como aquele que exerce a verdadeira função da *politéia*, entendida em seu sentido mais amplo. Não se trata de governar uma cidade ou Estado, mas governar o mundo, governar o gênero humano inteiro. Para tanto, o modo de vida cínico está fundamentalmente atrelado à prática da parrêsia. O cínico, na fala de Epicteto, é aquele que tem a coragem de dizer a verdade (*tharrein parresiázesthai*); ele é encarregado de anunciar a verdade. A relação do cínico com a verdade é imediata, uma relação de conformidade de conduta, de conformidade física e corporal. O cínico é a própria plástica da verdade, ele é uma estátua visível da verdade, despojada de todo ornamento frívolo, de tudo o que seria para o corpo, a retórica ou a lisonja. Malgrado a sujeira, a miséria e a feiura, o cínico também é dotado de saúde plena, o próprio ser do que é verdadeiro é tornado visível através do seu corpo. A verdade do seu corpo deve persuadir o que a sujeira, a feiura e a hediondez repelem. A vida cínica não é simplesmente uma estátua da verdade, mas comporta um exato conhecimento de si, ela comporta o trabalho da verdade de si sobre si. O princípio do cinismo é dizer que a verdadeira vida é uma vida outra, ele muda o valor da moeda e expõe a verdadeira vida como vida outra, diferente da vida tradicional dos homens e da vida específica dos filósofos.

Vivo de uma maneira outra e pela própria alteridade da minha vida, eu lhes mostro que o que vocês buscam está em outro lugar que não é aquele em que buscam, que o caminho que vocês pegam é um caminho outro em relação ao que deveriam pegar. E a verdadeira vida – ao mesmo tempo forma de existência, manifestação de si, plástica da verdade, mas também empreitada de demonstração,

convicção, persuasão através do discurso – tem por função mostrar que, embora sendo outra, os outros é que estão na alteridade, no erro, onde não se deve estar. E a tarefa da veridição cínica é, portanto, convocar todos os homens que não levam a vida cínica e essa forma de existência que será a verdadeira existência. Não a outra, que se engana de caminho, mas a mesma, a que é fiel a verdade. (FOUCAULT, 2009, p. 288, tradução nossa)

O cínico devota sua vida à verdade, à manifestação de fato da verdade e à veridição, ao dizer-a-verdade pelo discurso. Essa prática da verdade cínica tem por objetivo mostrar que o mundo só poderá se transfigurar em outro para alcançar o que ele é em sua verdade à custa de uma alteração completa da relação que temos conosco. É no retorno a si, no cuidado de si, que se encontra o princípio de passagem para o mundo outro prometido pelo cinismo. O cinismo conduz a outra forma, muita mais rude, grosseira, radical e vitalista, de relacionamento entre a verdadeira vida, a vida outra e o discurso verdadeiro da parrêsia.

O cinismo sem dúvida trouxe bem poucas coisas à doutrina filosófica: ele não fez muito mais que tomar emprestado dela suas formas mais tradicionais e mais correntes. Mas deu à vida filosófica uma forma tão singular, deu à existência de uma vida outra uma insistência tão forte que marcará [por] séculos a questão da vida filosófica. Pouca importância na história das doutrinas. Uma importância considerável na história das artes de viver e na história da filosofia como modo de vida. (FOUCAULT, 2009, p. 154, tradução nossa)

Assim, na história das relações da verdade com o sujeito, o cinismo não é uma figura singular e esquecida da filosofia antiga. Ele é uma categoria histórica que perpassa a história do pensamento ocidental, com seus vários formatos e objetivos. Ele faz corpo com a história do pensamento, da existência e da subjetividade ocidentais. E dentro da história das relações de verdade, entendo que o cinismo foi a forma mais radical de exercício da verdade sobre si mesmo. O cínico foi o que mais radicalizou o fundamento da atitude como coragem de verdade. Ele tem a coragem de dizer a verdade sem nada dissimular, a despeito dos perigos que isso comporta. O cínico marca o próprio corpo com a verdade, ele junta a prática da parrêsia, com a prática do

cuidado de si da forma mais teatral e drástica possível. As práticas do *epiméleia heautoû* e da parrêsia são inseparáveis na existência cínica. Os cínicos dão o exemplo: filósofos práticos e subversivos, eles encarnaram a verdade com seu comportamento. Assim, o cinismo pode ser visto como um momento de reavaliação radical da verdade filosófica, recolocada no campo da *práxis*, da prática vitalista, capaz de transformar o indivíduo e o ambiente que o cerca.

Com suas atitudes peculiares os cínicos abriram caminho para pensar a possibilidade do fora, do mundo outro, e da vida outra, com novas formas de subjetivação, ancoradas na *práxis* da parrêsia. O filósofo cínico é aquele que, pela coragem da sua parrêsia, pela coragem do seu dizer-a-verdade, demonstra a possibilidade da alteridade, exemplificada pelo seu modo de vida e anunciada por sua parrêsia. Finalizo com as palavras que Foucault rabiscou na última página do manuscrito de seu último curso de acordo com a edição de Frédéric Gross. Palavras riscadas que não chegaram a ser pronunciadas, parrêsia escrita que não foi falada:

Mas o que gostaria de insistir para terminar é o seguinte: não há instauração da verdade sem uma posição essencial da alteridade. A verdade nunca é a mesma. Só pode haver verdade na forma do outro mundo e da vida outra. (FOUCAULT, 2009, p. 328, tradução nossa)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRÉHIER, Émile. **Histoire de la Philosophie**. Tome Premier: L'Antiquité ete Moyen Age II, Periode Hellenistique et Romaine. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

FOUCAULT, Michel. **Le Courage de la vérité: le gouvernement de soi et des autres II**. Paris: Gallimard, 2009.

LAÉRTIOS, Diôgenes. **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres**. Tradução de Mário da Gama Kury. 2ª edição, Brasília, DF: UNB, 2008.

NAVIA, Luis E. **Diôgenes, o Cínico**. Tradução de João Miguel Moreira Auto. São Paulo, SP: Odysseus Editora, 2009.

ONFRAY, Michel. **Cynismes**: portrait du philosophe en chien. Paris: Éditions Grasset et Frasquelle, 1990.

Recebido em: out./2016  
Aprovado em: mai./2017